

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº604
de 17 de dezembro a
27 de janeiro de 2021
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



2021, VAMOS À LUTA

POR EMPREGO, SALÁRIO E RENDA

É HORA DE TIRAR A GRANA DOS SUPER-RICOS



PDF INTERATIVO

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



Falou Besteira

“Não vou tomar vacina, e ponto final.”

Bolsonaro, incentivando o movimento contra a vacina no dia em que 964 brasileiros morreram por COVID-19 (15/12/2020)



GENOCIDA

Carta branca para matar

Num momento em que o país vive escândalos quase diários de assassinato e chacina de jovens negros pela Polícia Militar, Bolsonaro volta a defender a existência do chamado “excludente de ilicitude”. A medida não é nada menos que carta branca para a Polícia Militar continuar matando, mas com a plena certeza de impunidade. “Se Deus quiser, com a nova Presidência da Câmara e do Senado, nós vamos botar em pauta o excludente de ilicitude, porque o policial ao cumprir sua missão tem que ir

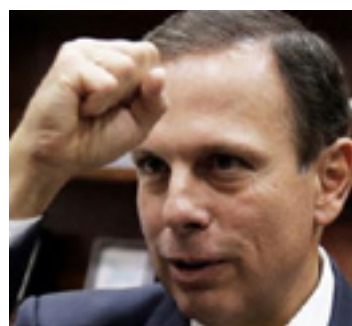
para casa não descansar, e não esperar a visita do oficial de Justiça”, afirmou Bolsonaro no dia 15 de dezembro durante um evento na Ceagesp, na capital paulista. Vale lembrar que o nome do presidente para a Câmara é Arthur Lira (PP-AL), nome que setores do PT defendem apoiar. “Entre a vida de um policial e mil vagabundos, ou 111 vagabundos, que é um número mais emblemático, eu fico com aquele policial contra 111 vagabundos”, ainda fez questão de declarar em referência ao massacre do Carandiru.



Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança, a PM matou ao menos 2.215 crianças e adolescentes em três anos no país, uma média de duas crianças e adolescentes por dia. Setenta por cento delas eram negras.

PICARETA

Governador playboy ataca a ciência



Em frente às câmeras, o governador playboy João Dória (PSDB) faz politicagem rastei-

ra em cima da vacina e ataca o obscurantismo de Bolsonaro, de olho nas eleições. Por baixo dos panos, ataca a ciência e os pesquisadores. A mais nova de Dória foi o corte de R\$ 454 milhões da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) no PL que enviou à Câmara com o orçamento do próximo ano. Numa reunião com o presidente do órgão, Marco Antonio Zago, e

pesquisadores, no dia 25 de novembro, Dória prometera recuar do corte no órgão fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, da ciência e da tecnologia no estado. Porém quebrou o acordo e manteve o facho que representa nada menos que 30% de todo o orçamento na fundação. Cientistas estão denunciando o que chamam de um verdadeiro apagão na ciência caso se concretize o corte.

PICARETA

Todo apoio aos trabalhadores da Fundação Casa



Os trabalhadores da Fundação Casa (Centro de Atendimento Socioeducativo ao Adolescente) decretaram greve no dia 9 de dezembro por direitos e proteção à vida diante da pandemia da COVID-19. Emerson Guimarães Beltrão Feitosa, secretário de finanças do Sindicato dos Trabalhadores nas Fundações Públicas de Atendimen-

to Socioeducativo ao Adolescente em Privação de Liberdade do Estado de São Paulo (SIT-SESP) alerta que “a COVID-19 já matou dez funcionários da Fundação Casa, trabalho que é considerado serviço essencial”. Emerson reforça que “muitos servidores da Fundação Casa estão adoecendo psicologicamente porque o assédio institu-

cional é grande, é muita portaria punitiva contra os trabalhadores”, explica. “Os servidores se sentem inseguros no local de trabalho, só este ano foram três suicídios”, completa. Além da segurança no trabalho e o respeito à vida, os trabalhadores lutam também contra o assédio moral e por direitos há muito não respeitados pelo governo.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

✉ opinio@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Os desafios para enfrentar o capital em 2021

O ano de 2020 foi cruzado, no Brasil e no mundo, pela pandemia, pela crise econômica capitalista e seus horrores: desemprego, fome, catástrofes humanitárias. Mas também por uma série de rebeliões, insurreições e processos revolucionários. 2021 tende a passar longe da calma.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que 2020 feche com o emprego 18% abaixo que em 2019. O mesmo deve ocorrer com a remuneração do trabalho.

O colapso do mercado de trabalho provoca uma escalada da pobreza. O Banco Mundial calcula que o número de pobres aumentará entre 172 e 226 milhões, levando ao total de 3,4 bilhões, metade da população mundial. Já a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) alerta que a COVID-19 pode levar a uma pandemia de fome sem precedentes e adverte para a urgência de medidas para que a crise social não se converta em crise política.

A preocupação com a possibilidade de insurreições tem razão de ser. O Equador se levantou em 2019. A revolução no Chile também começou em 2019, atravessou 2020 e segue viva. Na Bolívia, as mobilizações contra a estabilização do golpe impuseram uma derrota eleitoral acachapante ao golpe e aos golpistas. Na Colômbia, o país despertou e explodiram as mobilizações. No Haiti, estudantes tomaram as ruas pela educação e contra a violência policial. No Peru, grandes lutas sacodem o governo e o regime. Na Argentina, as mulheres pautaram as ruas pelo direito ao aborto.

Nos EUA, a rebelião negra teve amplo apoio da classe trabalhadora e levou as sementes da revolução dos oprimidos e explorados contra o capital no coração do

imperialismo. Esse processo levou à derrota eleitoral de Trump.

Já na Europa, a tônica das mobilizações que tomaram vários países foi a defesa dos trabalhadores contra a pandemia, o ajuste, a ultradireita e o racismo. Na Grécia, a população foi às ruas, levando à decretação da ilegalidade do partido neofascista Aurora Dourada.

Na África, houve grandes manifestações na África do Sul e Tunísia e na Nigéria, milhões foram às ruas por mais de dez dias, fechando aeroportos, rodovias e serviços públicos, para exigir o fim do esquadrão especial da polícia.

Na Ásia, a Tailândia exige o fim da monarquia. No Quirguistão, há uma revolução em curso contra a miséria, a corrupção e a pilhagem do país. Na Indonésia, uma greve geral mobilizou milhões de pessoas. E na Índia, uma greve geral de mais de 250 milhões sacudiu o país.

NO BRASIL

O país vive recorde de mortes pela pandemia e uma acelerada destruição do meio ambiente e do processo de recolonização. O projeto de Guedes é o de Pinochet no Chile, semiescravidão e recolonização. Já o de Bolsonaro é ditadura, obscurantismo e rapinagem do Estado e do país.

Bolsonaro sofreu um revés em sua escalada autoritária. Somou-se a isso outra derrota com o fracasso eleitoral de Trump. As eleições municipais significaram outra derrota mais. Mas, nos braços do centrão, ele não está morto, seguindo com índices razoáveis de popularidade.

A direita liberal, por outro lado, que passou a se chamar de “centro”, não tem diferença substancial com a política de Guedes, ainda que não seja a favor do projeto autoritário de Bolsonaro. O



mantra do “ajuste nas contas públicas” segue e se aprofunda, capitaneado por Rodrigo Maia. Se foram obrigados a aprovar o auxílio-emergencial, agora podem até ampliar algum programa social focalizado, como o Bolsa Família, mas pretendem mesmo é tirar dinheiro dos serviços e fundos públicos, sociais, da classe média, dos trabalhadores e da venda das estatais e do patrimônio público em primeiro lugar para remunerar especuladores, banqueiros, até para “realizar investimentos” e avançar na rapinagem pura e simples.

Em 2021, esperam-nos o desemprego, o arrocho salarial, a carestia de vida, a explosão da miséria e uma série de ataques aos trabalhadores, aos serviços públicos e ao meio ambiente. Além disso, espera-nos a ausência de um

plano de vacinação, podendo prolongar a pandemia no país para além do que ocorrerá no resto do mundo.

É preciso organizar a luta para derrotar Bolsonaro, Guedes e seus planos. O caminho é a unidade da classe trabalhadora para lutar, não negociações com o Congresso ou uma frente ampla com a burguesia e um projeto de conciliação de classes (leia mais na página 4).

A CSP-Conlutas está junto às bases e nas lutas debatendo um programa de emergência contra essa situação. É necessário estimular, organizar e unificar as lutas pelas reivindicações dos de baixo, unindo a nossa classe (com todos seus setores oprimidos) e os setores populares. O Brasil também pode (não quer dizer que necessariamente vá) entrar na rota das insur-

reições. Motivos não faltam. Muitas vezes, falta só a faísca para uma explosão.

Nas lutas, além de impedir os ataques do governo, precisamos fazer avançar a auto-organização e discutir um programa que possa levar a classe trabalhadora a derrotar essa lógica de ajuste em favor dos ricos. Chega de manter a maioria na pobreza ou em dificuldades para um punhado de super-ricos acumular lucros e capital à custa da miséria da maioria e de centenas de milhares de mortos.

Precisamos construir uma alternativa socialista e revolucionária para as lutas que virão, para que as insurreições possam vencer e mudar o Brasil e o mundo.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MLI4CR](https://bit.ly/3MLI4CR)

PRIVATIZAÇÕES

Entrega do país e saldão do patrimônio público avança sob Bolsonaro em 2021

“Vamos para o ataque”, promete ministro-banqueiro, Paulo Guedes.

DA REDAÇÃO

Diante das mais de 180 mil mortes por coronavírus subnotificadas, o país não conta ainda com nenhum plano ou expectativa de vacinação. Por outro lado, o governo Bolsonaro, com o ministro da Economia Paulo Guedes à frente, já implementa a todo vapor um organograma detalhado de privatizações, com datas, números e metas.

Isso porque, diante da crise social e sanitária sem precedentes que atinge o país, com desemprego recorde, Guedes continua pensando só naquilo. Sim, entregar de vez o país, inaugurando uma nova fase do processo de recolonização do Brasil com a venda de estatais, leilões de serviços públicos, entrega de portos e de toda a infraestrutura nacional.

ATINGIR A META E DOBRAR A META

Em julho, quando o país assistia atônito a abertura de valas comuns para os mortos da COVID-19, Guedes foi a público prometer ao mercado financeiro “quatro grandes privatizações” ainda em 2020. A pandemia atrasou seus planos, mas o banqueiro não se deu por vencido e, em novembro, reafirmou o plano. Disse que venderia pelo me-

nos quatro grandes estatais até o final do ano: Correios, Eletrobrás, PPSA (estatal do pré-sal) e Porto de Santos.

Embora a venda da Eletrobrás esteja avançada, com o projeto de lei na Câmara dos Deputados desde 2019, os Correios são vistos como prioridade por Guedes. Não à toa, já que grandes empresas e multinacionais estão de olho no filão lucrativo do comércio eletrônico, que contou com importante impulso durante a pandemia.

A crise da COVID-19 e a própria crise política no Congresso Nacional frustraram em parte os planos de Guedes, cujo objetivo era fechar 2020 já com os recibos de estatais importantes. Mas o ministro-banqueiro não desanima e, antes de cumprir, já dobrou a meta: promete vender não só quatro estatais em 2021, mas nove. Além de já ter avançado em estudos e protocolos de desestatização, no dia 2 dezembro, o governo anunciou o cronograma de privatizações para o próximo ano, que conta com a venda de 115 ativos, incluindo, além de grandes estatais, a venda de ferrovias, estradas federais e até florestas.

“Dedicamos esse primeiro ano, um ano e meio, para atacar as grandes despesas do governo, jogamos na defesa.

Nos próximos dois anos, vamos para o ataque”, afirmou Guedes durante evento com investidores em novembro. O objetivo declarado do governo é liquidar todas as estatais para abater da falsa dívida pública junto aos banqueiros, ou seja, repassar todo o patrimônio nacional a mega-especuladores internacionais para pagar uma dívida que, pouco tempo depois, já terá crescido novamente ao patamar que está hoje.



PLANO DE PRIVATIZAÇÕES AVANÇOU EM 2020



CORREIOS – Início da fase 1 dos estudos para a privatização junto ao Consórcio Postar (Accenture e Machado Meyer) em agosto.



ELETROBRÁS – Projeto de Lei para a venda já foi enviado ao Congresso Nacional (PL 5877).



TELEBRÁS – Primeira fase de estudos para privatização completada. Próxima fase é

a contratação, junto ao Ministério da Economia e o BNDES, de consultoria para a venda.



DATAPREV – Empresa de tecnologia da informação da Previdência. BNDES em fase avançada de contratação de consultores.



SERPRO – Estatal de tecnologia da informação. BNDES já está em fase avançada de contratação de consultores.



CEITEC – Empresa de semicondutores ligada à Ciência e Tecnologia. Resolução aprovada em junho de 2020 pela dissolução societária e início e avanço dos estudos para a privatização da Empresa Gestora de Ativos (EMGEA), da Central de Abastecimento (Ceasaminas), do Porto de Vitória, do Porto São Sebastião e do Porto de Santos, Nuclep, CBTU, Trensurb.

Fonte: Programa de Parcerias e Investimentos (PPI), Ministério da Economia

O GRANDE SALDÃO DE GUEDES PARA 2021

Plano de privatizações inclui 115 ativos. Entre eles:

Venda de estatais: 9

Eletrobrás, Correios, CBTU-MG, Trensurb, ABGF, EMGEA, Ceasaminas, Codesa, Nuclep

Leilões de portos: 16

Porto de Maceió (AL), Porto de Fortaleza (CE), Porto de Santos (SP), Porto de Paranaguá (PR), Porto de Vila do Conde (PA), Porto de Areia Branca (RN), Porto de Itaqui (MA), Porto de Santana (AP).

Leilões de rodovias: 6

BR-116/465/101 (SP/RJ) – Dutra; BR-381/262 (MG/ES); BR-116/493 (RJ/MG) – CRT; Rodovias Integradas do Paraná (BR-153/080/414 (GO/TO); BR-163/230 (MT/PA)

Fonte: Programa de Parcerias e Investimentos (PPI), Ministério da Economia

Leilões de aeroportos: 24

Bloco Norte, Bloco Sul e Bloco Central. Aeroporto de Virapoccos (Campinas) e de São Gonçalo do Amarante (RN)

Leilões de parques florestais: 6

Lençóis Maranhenses (MA), Jericoara (CE), Iguaçu (PR), Canela (RS), São Francisco de Paula (RS) e Humaitá (AM)

O plano ainda prevê a venda e a concessão de blocos de gás, minérios e serviços públicos

PRIVITIZAR É APAGÃO

Amapá é exemplo do resultado da privatização da energia

O apagão no Amapá em novembro foi provocado pela privatização do setor elétrico no estado, a cargo da espanhola Isolux. Agora, o modelo responsável pelo caos social no estado será imposto em todo o país com a venda da Eletrobrás. Os altos lucros dos investidores internacionais serão pagos pelo serviço precário e as altas contas de energia para o povo.

EMPREGO, SALÁRIO E RENDA

Organizar as lutas para enfrentar o desemprego e a miséria



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3AD89WQ](https://bit.ly/3AD89WQ)

JERÔNIMO CASTRO,
DO RIO DE JANEIRO (RJ)

O desemprego e o número de trabalhadores com trabalho precário seguem aumentando no país. Dados do IBGE divulgados no final de novembro indicam que o desemprego subiu para 14,6%. Esse número esconde uma reali-

dade ainda pior. A taxa de subutilização, ou seja, daqueles que trabalham apenas uma parte do tempo, é de 30,3%, e os trabalhadores por conta própria somam 26%. Já o número de pessoas com carteira assinada caiu 2,6%, e a informalidade passou a 38% da população.

A massa de rendimento dos trabalhadores (o con-

junto do que a classe trabalhadora ganha) caiu 4,9%. Já o nível de ocupação é de 47,1%, ou seja, menos da metade da população apta a trabalhar. A renda média teve um aumento de 8,3% em relação a 2019. No entanto, a inflação da cesta básica no último período foi de mais de 20% e corroeu o salário real.

O RETRATO DA CRISE SOCIAL



Desemprego

14,6%



Desemprego na juventude

31,4%



Inflação da cesta básica

20%



Subutilização da Força de Trabalho

30,3%



Queda no rendimento dos trabalhadores

4,9%



Negros e pardos são **64%** dos desempregados e **66%** dos subutilizados

MULHERES, NEGROS, LGTBs E JOVENS SÃO OS MAIS ATINGIDOS

Como não poderia deixar de ser, os setores mais oprimidos de nossa classe são os mais atingidos.

Entre as mulheres, as desempregadas são 16,8%; entre os negros, 19,1%. Na juventude (entre 18 e 24 anos) os números atingem 31,4%.

Negros e pardos são 64% dos desempregados e 66% dos

subutilizados, e a informalidade atinge 47% destes. Essa parte da população também representa 75,2% do grupo dos 10% de população com os menores rendimentos.

No caso das travestis e transexuais, segundo a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), os números de julho-agosto de 2020 são ainda mais dramáticos. Apenas 4% da

população de travestis e mulheres trans têm emprego formal; 6% têm emprego informal e subemprego; e 90% têm de recorrer à prostituição como fonte de renda.

RESPONSABILIDADE

Governo tem política para aumentar desemprego e não garantir a renda

Além de não ter uma política para diminuir o desemprego, o Governo Federal, seguindo seus antecessores, teve uma política permanente de atacar o emprego formal (com carteira assinada), facilitando as demissões e a subcontratação com medidas como o contrato intermitente de trabalho, o aumento do banco de horas, a legalização da terceirização em todos os âmbitos e a famosa carteira verde e amarela.

Por outro lado, com o agravamento da crise econômica e a diminuição do emprego na pandemia, o governo e o Congresso se negaram a garantir estabilidade no emprego. Aprovaram o auxílio emergencial de R\$ 600, muito abaixo do que é o necessário para garantir a cesta básica e da média da renda dos trabalhadores precarizados (entre R\$ 1.600 e R\$ 1.800). Em 2021, Bolsonaro vai cortar o auxílio depois de já ter diminuído para R\$ 300.



UNIDADE

É preciso ir à luta unificada para barrar e reverter os ataques



Temos anos de seguidos ataques e desmontes dos direitos trabalhistas, desde a legalização das terceirizações, que são um duro ataque aos trabalhadores e à organização sindical, passando pelas dificuldades legais criadas à organização sindical, até medidas que afetam mulheres grávidas, e a reforma da Previdência que acaba com a aposentadoria no país.

Sem uma frente única para lutar, não vamos reverter esses ataques nem deter os que estão sendo preparados, tais como a

sonhada carteira verde e amarela, que atacam todos os direitos trabalhistas. Mesmo medidas mínimas e insuficientes, como o auxílio emergencial, correm o risco de desaparecer.

Pensamos que é importante chamar os partidos que incidem sobre organizações da classe trabalhadora e da juventude, como PT, PCdoB e PSOL, a abandonar a ideia de que vamos derrotar Bolsonaro apenas em 2022 e esperar até lá para que de fato se faça algo. Em vez de prepararem uma frente am-

pla com partidos burgueses, deveriam organizar as lutas para derrotar o governo e seus planos já. Da mesma maneira, devemos chamar e exigir que sindicatos, centrais e movimentos populares articulem a luta no lugar de negociar direitos no Congresso. Desde já, contudo, devemos fazer a auto-organização avançar pela base da classe trabalhadora, da juventude, das periferias, do campo e da cidade para lutar por emprego, salário, renda, saúde, serviços públicos e soberania.

O QUE FAZER

Propostas que podem unificar a luta e permitir uma frente única

O desemprego atual é fruto da ação consciente dos patrões que querem um exército de reserva permanente, ou seja, um exército de desempregados e semiempregados dispostos a trabalhar a qualquer custo. Isso rebaixa o salário dos empregados temerosos de perder seus empregos e diminui o preço da mão de obra. Também é fruto

da crise econômica internacional (e nacional), agravada pela pandemia.

A crise social não será resolvida sem a ação comum e coordenada da classe trabalhadora. Ela pode e deve buscar garantia de renda para os desempregados; redução da jornada de trabalho sem redução dos salários; um plano de obras públi-

cas realmente necessárias, tais como moradia e saneamento, o que abriria milhões de vagas; proibição das terceirizações e incorporação dos terceirizados nas empresas tomadoras de serviços; fim da flexibilização da legislação trabalhista, da precarização do trabalho e da carteira verde e amarela; abertura de concurso públicos.

Essa luta se combina com a defesa dos serviços públicos e do SUS contra a proposta de reforma administrativa

do governo e do Congresso, com as lutas contra as privatizações e a luta dos setores do campo.



PROGRAMA



FORA BOLSONARO E MOURÃO

Para levar essa luta adiante, é fundamental que entendamos que o primeiro passo para reverter a atual crise de desemprego é derrotar e colocar para fora Bolsonaro e Mourão, responsáveis pela crise econômica e pelo desemprego.



TIRAR DINHEIRO DOS SUPER-RICOS PARA GARANTIR EMPREGO, SALÁRIO E RENDA

Nessa luta, vamos enfrentar os super-ricos, os bilionários, os bancos e as 100 maiores

empresas privadas que lucraram com o desemprego, o arrocho salarial, a fome, a privatização das estatais e a destruição do meio ambiente.



NÃO PAGAR A DÍVIDA PÚBLICA E TAXAR FORTEMENTE

AS GRANDES FORTUNAS

Apesar da crise, os grandes bancos do país lucraram R\$ 17,4 bilhões no terceiro bimestre. Já a mineradora Vale faturou mais de R\$ 16 bilhões. O que se gastou só com amortização da dívida pública neste ano, ou seja, mandando nosso dinheiro para o bolso de

banqueiros, foi mais de R\$ 1 trilhão. Parar de pagar a dívida pública e taxar as grandes fortunas e o lucro das grandes empresas garantiria os recursos necessários para levar adiante o programa emergencial que propomos.



POR UM GOVERNO SOCIALISTA DOS TRABALHADORES

No entanto, a classe trabalhadora só terá garantido de forma duradoura o mais básico de seus direitos quando conseguir acabar com o capitalismo e colocar em seu lugar um governo socialista

RAÇA E CLASSE

Crescem as mortes e os casos de racismo no Brasil



CLÁUDIO DONIZETE,
DA SECRETARIA NACIONAL DE
NEGRAS E NEGROS DO PSTU

Em 2020, a crise sanitária e social e as barbaridades do capitalismo contra a classe trabalhadora avançaram. Em paralelo, houve uma escalada do racismo no mundo, em particular nos Estados Unidos e no Brasil.

O caso mais emblemático foi a morte de George Floyd, estrangulado por policiais enquanto dizia que não podia respirar. No Brasil, houve o caso do pequeno Miguel em Recife. Abandonado pela patroa de sua mãe, Miguel despencou do nono andar de um prédio de luxo, enquanto sua mãe, Mirtes de Souza, passeava com a cachorra da patroa, Sari Corte Real.

Episódios como esses ilustram milhares de outros casos de racismo, discriminação, violência e morte. A lista é enorme. Vai da humilhação racista a entregadores de alimentos por aplicativo ao assassinato, como ocorreu com o

soldador João Alberto, estrangulado e morto a pancadas dentro do Carrefour por dois seguranças do supermercado.

Há ainda a escalada dolorosa de assassinatos de crianças negras baleadas nas favelas e em periferias do Rio de Janeiro e de outras cidades. As últimas vítimas foram duas primas de Duque de Caxias (RJ), Emily Vitória, de 4 anos, e Rebeca Beatriz, de 7, que estavam brincando em frente a sua casa esperando a avó. Somente em 2020, foram mortas 12 crianças negras em situações similares, em números oficiais.

IMPUNIDADE, NATURALIZAÇÃO E PROMOÇÃO

A violência racista é acompanhada pela impunidade, em particular entre as forças do Estado. Os PMs que arrastaram Cláudia da Silva até a morte na traseira de uma viatura em 2014 não foram punidos nem condenados. Ao contrário, o comandante da

patrulha foi promovido a capitão e, no mês passado, nomeado para assumir um cargo no governo do Rio de Janeiro.

Quando a indignação popular cresce, os senhores da casa-grande tratam de escolher e promover negros com quem podem dialogar. Foi o que vimos no Carrefour, que formou um comitê de diversidade e inclusão com a participação de ativistas e intelectuais negros como Rachel Maia, Celso Athayde e Silvio Almeida. Essa notícia foi recebida com um justo repúdio de negras e negros e de movimentos sociais que denunciaram essa traição à luta de raça e classe.

Na prática, a única coisa que esse comitê combate é a luta contra o racismo. Ele nasce controlado e financiado pelos racistas, e suas propostas não vão além de ações simbólicas.

COMO COMBATER O RACISMO?

A violência racista aumenta no mesmo passo que aumenta



a crise capitalista. Não será por saídas negociadas com o estado capitalista ou com operadores desse sistema que o racismo e a exploração do trabalho vão acabar.

O capitalismo jamais será nosso aliado, e agora, com o aumento da crise, será cada vez

mais racista e violento. A luta contra o racismo é de raça e classe, contra o sistema capitalista e pela construção de uma sociedade socialista, sem oprimidos e sem opressores.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2WJK539](https://bit.ly/2WJK539)

MULHERES

Machismo e governos não deram trégua durante a pandemia



MARCELA AZEVEDO,
DA SECRETARIA NACIONAL
DE MULHERES DO PSTU

Para as mulheres, 2020 foi um ano marcado pelo aumento da desigualdade e da violência. Saímos do 8 de Março direto para a pandemia, e a primeira vítima fatal do coronavírus foi uma empregada doméstica

infectada pelos patrões no Rio de Janeiro. Com as medidas de confinamento, a violência doméstica e os feminicídios explodiram, bem como a sobrecarga de tarefas domésticas e o desemprego feminino.

Na saúde, trabalhadoras assumiram a linha de frente do combate à COVID-19, enfrentan-

do além da doença a falta de materiais, a perda de colegas e as agressões de apoiadores de Bolsonaro. Empregadas domésticas foram incluídas na lista de serviços essenciais no Maranhão e no Pará.

A resposta de Bolsonaro e de Damares Alves foi omissão. Até setembro, nem metade do orçamento de política para mulheres tinha sido utilizado e, apesar do discurso distinto de muitos governadores e prefeitos, a negligência e a ausência de medidas para combater a violência e a desigualdade foi a mesma.

Contudo, 2020 também foi um ano de lutas. Na Polônia, mobilizações de massas derrotaram o governo e a igreja católica impedindo a restrição do já limi-

tado direito ao aborto. A forte presença de mulheres nas mobilizações antirracistas nos EUA, somada à marcha feminista nas vésperas das eleições estadunidenses, impuseram, ainda que de maneira deturpada, a eleição da primeira mulher negra à vice-presidência do país. Na Argentina, foi a maré verde e a força do movimento de mulheres que novamente garantiram a aprovação da legalização do aborto na Câmara, ainda que a votação no Senado tenda a ser mais difícil.

No Brasil, mobilizações na internet obrigaram o Santos Futebol Clube a suspender o contrato do jogador Robinho, condenado por estupro coletivo na Itália. Enquanto isso, a Justiça de Santa Catarina mostrava sua

cara burguesa e machista ao inocular um empresário rico pelo estupro de Mari Ferrer apesar das provas, no que ficou conhecido como estupro “culposos”, ao mesmo tempo em que a vítima era humilhada e agredida no julgamento.

O caso Mari Ferrer foi o estopim para a denúncia dessa situação nas ruas de todo o país, mesmo durante a pandemia. Ao mesmo tempo, a TV Globo provou que só assume as pautas de opressão para ganhar audiência ao se omitir quanto às denúncias de assédio sexual e moral contra o diretor do núcleo de humor, Marcio Melhem

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3AFFYM4](https://bit.ly/3AFFYM4)



TERCEIRO TURNO

Derrotar Bolsonaro e seu projeto na luta

DA REDAÇÃO

Uma crise econômica e social sem precedentes se sobrepõe à crise da pandemia. Desemprego recorde de 14,6% no trimestre de julho a setembro (nos índices oficiais do IBGE) e uma inflação nos alimentos que, do início do ano até novembro, chega a 12%. O fim definitivo do auxílio emergen-

cial, por sua vez, vai deixar ao léu mais de 40 milhões de pessoas a partir de janeiro.

É nesse cenário de tragédia social que o governo Bolsonaro-Guedes, junto com o Congresso Nacional, com Rodrigo Maia (DEM) à frente, quer impor um pacote de ataques que vai desde uma nova rodada de privatizações (leia mais na página 4), até a PEC emergencial e a reforma administrativa que atingem

de forma dura os servidores e os serviços públicos, passando por uma nova rodada de retirada de direitos com a carteira de trabalho verde e amarela. Nas periferias, aprofunda-se o genocídio da juventude negra.

Passadas as eleições, é na luta que podemos derrotar essa política genocida de Bolsonaro e a guerra social imposta pelo Congresso Nacional, pelos governadores e pela grande maio-



ria dos prefeitos que tomarão posse a partir de janeiro.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3Nq70WN](https://bit.ly/3Nq70WN)

NA LUTA

Unidade da classe trabalhadora na luta

É urgente preparar a luta desde já, unificando todos os setores da classe trabalhadora e do povo oprimido com um programa emergencial em defesa da vida, dos empregos, da renda, dos direitos e da soberania. É importante a mais ampla unidade dos partidos e das organizações da classe trabalhadora numa frente única contra o governo e seu programa de morte e destruição; que

possa colocar na ordem do dia o “Fora, Bolsonaro e Mourão!” e impor uma agenda de mobilizações rumo a uma greve geral combinada com outras formas de lutas.

Apostar as fichas numa saída eleitoral em 2022 como prioritária, em negociações no Congresso, ainda mais para construir um projeto de conciliação de classes, é apostar na derrota, da mesma forma que

fazer acordos com a burguesia e partidos burgueses, como o PT faz na eleição da Câmara dos Deputados, na qual ameaça apoiar Maia ou o candidato de Bolsonaro. Ou a aproximação do PSOL com o PSB e o PDT. Esse é o sentido da frente ampla eleitoral que defendem para juntar todos sob um mesmo projeto político que só pode ser o mesmo defendido pela direita neoliberal, como

por Maia, que, embora seja oposição aos arroubos mais autoritários de Bolsonaro, fecha com o programa de Guedes na íntegra.

Devemos chamar esses partidos e as demais organizações sindicais e populares para organizar a luta unificada e se opor aos ataques de Bolsonaro, de Guedes e do Congresso e a não conciliar com as medidas de ajus-

te deles. Ao mesmo tempo, precisamos fortalecer a auto-organização da classe pela base nas fábricas, bairros e escolas; prepararmos a luta e tomarmos em nossas mãos esse processo, de maneira que possa ser levado com todos que queiram lutar ou construirmos as condições para que ela aconteça à revelia dos que preferem se manter nos limites da ordem.

PROGRAMA PARA LUTAR

Por vida, emprego, salário, direitos, terra, justiça, igualdade e soberania

- Vacina para todos já!
- Redução da jornada sem redução dos salários
- Manutenção do auxílio emergencial enquanto durar a pandemia
- Isenção de luz, água, IPTU e passe-livre para desempregados
- Defesa do SUS, dos serviços públicos e dos direitos sociais e trabalhistas
- Demarcação de terras indígenas e quilombolas
- Reforma agrária radical, moradia e saneamento para todos
- Fim do genocídio negro!
- Desmilitarização da PM
- Não às privatizações! Tirem as mãos dos Correios, da Eletrobrás, da Petrobrás e das demais estatais.
- Redução e congelamento do preço dos alimentos

CHEGA DE AJUSTE CONTRA OS POBRES!

Tirar dinheiro dos capitalistas

Dinheiro para garantir vacinas, emprego, renda, salários e condições de vida dignas para o povo trabalhador existe. O problema é que hoje tiram o dinheiro dos pobres, dos remediados, da classe média, dos serviços públicos e atacam a soberania do país para que um punhado de bilionários fiquem ainda mais ricos. É preciso acabar com essa sangria.

- Suspensão do pagamento da dívida aos banqueiros, fim da Lei de Responsabilidade Fiscal e criação de uma lei de responsabilidade social.
- Nenhuma privatização: pela reestatização das empresas privatizadas.
- Cobrança de imposto sobre grandes fortunas, incluindo taxa de 40% das riquezas dos 43 bilionários brasileiros, além de lucros, dividendos e patrimônio das 100 maiores empresas.
- Estatização do sistema financeiro sob controle dos trabalhadores

Por um governo socialista dos trabalhadores

Para mudar de fato a vida da classe trabalhadora, é preciso ter como estratégia a derrubada do sistema capitalista que só nos reserva o desemprego, a morte e a miséria. Em seu lugar, precisamos construir um governo socialista dos trabalhadores, que governe em conselhos populares, e ter outra sociedade, com pleno emprego, saúde e justiça para todos.

PANDEMIA

Por um plano emergencial de vacinação: vacina para todos já!



DA REDAÇÃO

A expectativa de vacinação em 2021 deveria ser motivo de comemoração num ano em que quase 190 mil brasileiros morreram de COVID-19. Na realidade, porém, não temos nada a comemorar. Se a vacinação já começou em alguns países centrais do capitalismo, como Reino Unido e Estados Unidos, por aqui não há sequer perspectiva de a vacinação iniciar.

O Brasil ainda não tem um plano de vacinação que cubra toda a população. A sucessão de falas contraditórias do atual ministro da Saúde, o general Eduardo Pazuello, é proposital e serve para esconder a ausência de um plano real de vacinação.

Na reunião com governadores, em 8 de novembro, Pazuello deu nova mostra da negligência criminosa do governo em relação à vacinação. Questionado por João Doria se o Governo Federal incluiria a CoronaVac, do laboratório chinês SinoVac, no plano nacional de imunização, o ministro respondeu que o governo compraria “se houvesse demanda”. Será que mais de 181 mil mortes e o crescimento avassalador dos casos não é demanda suficiente para o ministro?

O governo Bolsonaro não comprou vacinas. Até agora, apenas assinou um memorando de entendimento com a Pfizer para comprar 70 milhões de doses. Vale lembrar que a mesma Pfizer havia sido excluída dos planos do governo por conta da logística necessária à sua distribuição. A vacina precisa ser mantida sob uma refrigeração abaixo de setenta graus negativos.

Além disso, promove junto com o governador de São Paulo, João Doria, uma guerra política em torno da vacina que vai custar a vida de milhares de pessoas. Espalha fake news sobre os supostos perigos da vacina chinesa e tenta fazer crescer o movimento antivacina no Brasil, enquanto Doria aproveita a situação, olhando para as eleições presidenciais de 2022 (leia ao lado).

No entanto, mesmo que tivéssemos vacinas, nem Bolsonaro nem os governadores se moveram para garantir insumos básicos, como seringas e agulhas, para promover a imunização em massa. A Associação Brasileira da Indústria de Artigos e Equipamentos Médicos e Odontológicos (Abimo), órgão que representa as três fabricantes de seringa do país, alertou que levará de sete a oito meses

para produzir 300 milhões de seringas, e a fabricação só começa quando o Governo Federal liberar a compra de vacinas.

PANDEMIA ESTÁ LONGE DO ‘FINALZINHO’

Enquanto isso, o país vive uma segunda onda de casos que poderá ser ainda mais mortal que a primeira. Os dados revelam que, pelo mundo, o vírus não perdeu força, com 4 milhões de novos casos por semana desde novembro. Em meados do ano, o mundo precisava de dez dias para somar 1 milhão de novos infectados. Hoje, a velocidade da transmissão é mais de quatro vezes superior.

O vírus ainda tem um amplo espaço para circular na população mundial em 2021. Hoje, quase 90% das pessoas continuam vulneráveis, o que revela a dimensão dos riscos.

No Brasil, a segunda onda aumenta enquanto Bolsonaro espalha mentiras dizendo que está no “finalzinho”. No entanto, há doze dias, a média móvel de mortes por COVID-19 está acima de 500 no país, e subindo. A média de casos está em 41.686, número 32% maior ao comparado há 14 dias. Neste momento, há mais de 32 mil pessoas internadas pela doença. Há filas em hospitais e unidades de saúde,



enquanto já começa a ser registrada a falta de vagas em unidades de terapia intensiva (UTI).

Um exemplo é o Rio de Janeiro, que já vive um colapso do sistema de saúde, com pessoas morrendo por falta de leito de UTI e uma fila de mais de 500 pacientes por vaga. Com as festas de final de ano e aglomerações, o temor é que 2021 comece com um novo avanço da doença.

MANDANDO TRABALHADORES PARA O ABATE

A segunda onda cresce também por culpa dos governadores e dos prefeitos. Nenhuma medida de isolamento social – necessária ao combate ao vírus – foi anunciada. Nem sequer as tímidas medidas adotadas no início da pandemia estão no horizonte dos governos. Essas medidas foram implementadas

recentemente em muitos países da Europa para deter a segunda onda de casos e mortes, o que tem resultado em diminuição dos contágios. Por aqui, o vírus corre livre, leve e solto, na esteira da política genocida de Bolsonaro e dos governadores.

Todos eles dizem que querem “salvar a economia” e “preservar os empregos”, mas isso é uma mentira cruel. Nem Bolsonaro nem os governadores implementaram medidas efetivas para defender o emprego e garantir renda digna à população. Ao contrário, empurram os trabalhadores para o abate para salvar os lucros dos capitalistas, enquanto o desemprego e a pobreza crescem e as grandes fortunas aumentam (ver p. 5).

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3AHKLYG](https://bit.ly/3AHKLYG)

DESIGUALDADE

Países ricos já compraram mais da metade das vacinas

Enquanto o Brasil não comprou nenhuma vacina, a Aliança da Vacina do Povo, coalizão de seis organizações internacionais, como a Oxfam e a UNAids, calcula que os países ricos compraram doses suficientes para imunizar toda sua população três vezes até dezembro de 2021, se todos os estudos clínicos em realização forem bem-sucedidos. Países que representam 14% da população mundial compraram o equivalente a 53% das vacinas mais promissoras segundo o grupo. Só o Canadá se comprometeu com a compra de doses suficientes para vacinar cinco vezes sua população. Enquanto isso, nove em cada dez pessoas em 67 países pobres não serão vacinadas até o fim de 2021.

FANFARRÃO

Doria faz demagogia mirando eleições presidenciais



Diante da política abertamente criminosa do governo Bolsonaro, João Doria se aproveita para se projetar eleitoralmente para 2022. Diante das câmeras, denuncia o

imobilismo do Governo Federal, enquanto anuncia o início da vacinação em São Paulo para janeiro, mesmo sem o término da fase de testes da CoronaVac.

Se Bolsonaro aposta na morte de milhares, Doria tampouco está realmente preocupado com a vida da população. Durante a campanha eleitoral, o governador escondeu os dados do aumento dos casos de COVID-19

para eleger seu candidato Bruno Covas. Um dia após o segundo turno, anunciou a regressão na reabertura da economia, ainda que as medidas anunciadas sejam absolutamente insuficientes para conter o crescimento da pandemia no estado. Doria diz que segue a ciência, mas a ciência diz que é preciso estabelecer medidas de restrição social, e Doria é contra elas.

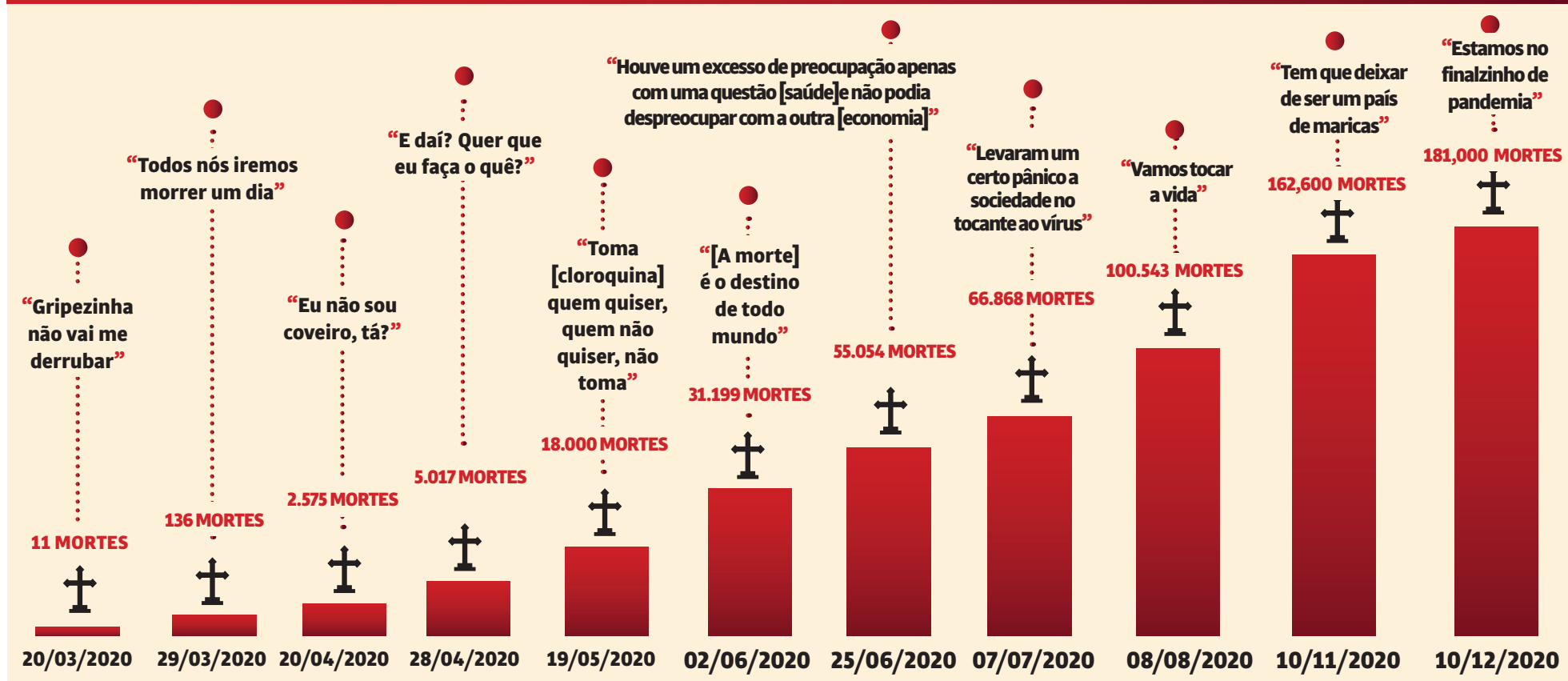
O retrato mórbido de um governo genocida



A irresponsabilidade desse governo é tamanha circula um vídeo do ministro Pazuello com o cantor Zezé di Camargo em festinha na casa do governador de Brasília. Só faltou bolinho com 181 mil mortos à vela.

O Brasil é o terceiro país com mais casos de COVID-19 e o segundo em número de mortos pela doença. Desde o início, em março, a pandemia do coronavírus no mundo foi tratada pelo presidente da República como “gripezinha” ou coisa de “maricas”. A irresponsabilidade desse governo é tamanha circula um vídeo do ministro Pazuello com o cantor Zezé di Camargo em festinha na casa do governador de Brasília. Só faltou bolinho com 181 mil mortos à vela.

O QUE BOLSONARO DISSE ENQUANTO AS MORTES DISPARAVAM



GUERRA PELA VACINA

Plano emergencial e vacinação para todos já!



O governo de Bolsonaro lança os brasileiros à morte, à miséria e ao desemprego antes de mover uma palha em favor da vacina. Ao mesmo tempo, investe contra a saúde pública como

um todo. É simplesmente escandaloso o que o governo vem fazendo com pacientes de HIV, aids e hepatite pelo SUS, com exames essenciais ao tratamento suspensos desde novembro.

Já o fato de não haver um plano de vacinação em massa não reflete apenas a incompetência do governo. Trata-se de uma política consciente de inviabilizar a vacina no país. Não faltou logística e dinheiro para distribuir 6 milhões de comprimidos de cloroquina em nível nacional, por exemplo, um medicamento totalmente ineficaz no tratamento da COVID-19. A Anvisa, por sua vez, não demorou dois meses para, numa canetada, aumentar o prazo de validade de 7 milhões de testes de detecção do novo coronavírus que mofavam num depósito do governo em Guarulhos (SP).

O Brasil conta com dois dos mais respeitados institutos de

pesquisa e produção de vacina do mundo, o Butantan e a Bio-Manguinhos, da Fiocruz, além de uma rede de saúde pública que, por mais sucateada que esteja, poucos ou nenhum país tem nesta proporção. É vergonhoso e inaceitável que não tenhamos a vacinação no horizonte e que sua preparação não esteja ocorrendo.

Precisamos enfrentar e derrotar o governo para assegurar um plano emergencial de vacinação que garanta a imunização de toda a população no menor tempo possível. Quanto mais o governo atrasa esse processo, mais pessoas morrem nas filas de UTI. O governo Bolsonaro deve adquirir as vacinas necessárias e, junto

com os governos estaduais e municipais, colocar toda sua estrutura para a preparação da logística a fim de garantir que, tão logo seja concluída a fase de testes, a vacinação em massa possa iniciar.

Parte disso é a garantia de insumos como seringas e agulhas. A indústria que for compatível deve reconverter sua produção a fim de garantir esses produtos essenciais. Da mesma forma, é preciso impedir o desmonte, o sucateamento e a privatização do SUS levada a cabo pelo governo Bolsonaro, assim como lutar pela contratação de médicos e profissionais de saúde, fundamentais para a imunização de 210 milhões de brasileiros.

PREPARANDO A LUTA

Reunião nacional da CSP-Conlutas aprova programa emergencial e plano de lutas para 2021



DA REDAÇÃO

Nos dias 11 e 12 de dezembro, a CSP-Conlutas realizou a reunião da Coordenação Nacional. Após um amplo debate sobre a situação internacional e nacional, foi aprovada uma resolução política com a análise da conjuntura e as tarefas para a central e para a classe trabalhadora.

A resolução pontua a crise política, econômica e sanitária e o aumento da miséria, da fome, do desemprego e do rebaixamento das condições de vida da classe trabalhadora. Ela também aponta para uma radicalização da luta de classes na luta direta dos trabalhadores em resistên-

cia aos brutais ataques da burguesia e seus governos.

O Opinião Socialista conversou com Atnágoras Lopes, militante do PSTU, diretor do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Belém (PA) e membro da Secretaria Executiva Nacional da CSP-Conlutas. Ele falou sobre a importância da resolução política aprovada, a campanha que será realizada em torno ao programa emergencial da classe trabalhadora de enfrentamento à crise e a necessidade da construção de um plano de lutas para 2021.

A resolução política aprovada na Coordenação Nacional da CSP-Conlutas está disponível na íntegra no site da central (www.cspconlutas.org.br).

Atnágoras Lopes



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/34KQ01K](https://bit.ly/34KQ01K)

ENTREVISTA

“A CSP-Conlutas continua junto aos trabalhadores na defesa dos direitos e das reivindicações **contra os patrões e seus governos**”

Qual avaliação você faz da última reunião do ano da CSP-Conlutas?

Foi uma reunião vitoriosa, bastante representativa, com a participação de sindicatos, oposições sindicais, movimentos sociais do campo e da cidade e de luta contra as opressões. Uma reunião que tinha o desafio de fazer o balanço de 2020, analisar a conjuntura pós-eleições e preparar as lutas que acontecerão em 2021, pois é tarefa da CSP-Conlutas intervir nos processos de luta com todas as suas forças, com base na mais ampla democracia operária e unidade de ação para lutar, no marco da independência de classe dos governos e dos patrões e do internacionalismo proletário.

A reunião aprovou uma

resolução sobre conjuntura, lutas e desafios da classe trabalhadora. Fale um pouco sobre essa resolução.

A reunião aconteceu em meio à crise sanitária da COVID-19. Temos o governo genocida e negacionista de ultradireita de Bolsonaro, que se contrapõe à necessidade da quarentena geral com renda para salvar vidas, contando com a cumplicidade de todos os governos estaduais, que fizeram coro com a política implementada por Bolsonaro pelo fim do isolamento social, atendendo às necessidades do lucro das empresas contra a vida do povo pobre e trabalhador.

Frente a essa situação, aprovamos uma resolução política que afirma o empenho e o compromisso da

central com a construção da mais ampla unidade de ação, construída pela base das categorias e impulsionada na luta direta para enfrentar a grande polarização social colocada pela atual conjuntura, tendo como carro chefe de nossa intervenção a defesa do programa emergencial dos trabalhadores para tirar o país da crise econômica e sanitária diante da degeneração do sistema capitalista.

Quais são as principais propostas do programa emergencial?

O eixo central do programa emergencial é a defesa da vida e dos direitos de quem trabalha. Por isso, o primeiro passo é lutar pela garantia da renda básica a todas as pessoas desempregadas e

de baixa renda, os de maior vulnerabilidade econômica, a fim de que ninguém tenha que se expor à ameaça do contágio para não passar fome. O aprofundamento da pandemia hoje demonstra que só com a vacinação em massa da população é

possível conter o contágio e erradicar a COVID-19. Hoje travamos a luta mais dramática que a maioria de nós já viveu e precisamos nos dar conta disso, pois trata-se da ameaça à vida de milhões de trabalhadores pela doença ou pela fome.



Greve dos Correios contra a privatização

O programa emergencial aponta para o fortalecimento das lutas e a unidade de ação em defesa da vida, dos direitos de quem trabalha, do auxílio emergencial, quarentena geral com renda digna, geração de emprego, direitos, liberdades democráticas, terra, moradia, meio ambiente, povos originários, serviços e servidores públicos, combate a toda forma de opressão, machismo e racismo estrutural, em defesa da soberania nacional e para colocar para fora Bolsonaro e Mourão.

O capitalismo poucas vezes deixou tão visível, a sua verdadeira face cruel como nesta pandemia. Desmascarar este sistema e apontar a revolução socialista como única saída é a nossa tarefa maior.

Qual o balanço do ano de 2020?

A crise econômica, que já se anunciava desde 2019, se aprofundou com a pandemia da COVID-19. A política de Bolsonaro foi atacar os direitos dos trabalhadores com a cumplicidade do Congresso Nacional, que aprovou a reforma da Previdência e a reforma trabalhista. E agora tenta impor a reforma administrativa, que visa cortar os direitos e o salário dos servidores e principalmente destruir o serviço público.

Esses ataques também geraram reações da classe trabalhadora?

Sim. Os trabalhadores brasileiros vêm reagindo à guerra social imposta pelos governos e pelos patrões. Desde abril, diversas lutas vêm ocorrendo, importantes atos de vanguarda, como as manifestações antifascistas e antirracistas e pelas liberdades democráticas. Em julho, tivemos o “breque dos apps”, que foi um processo nacional de luta dos entregadores de aplicativos. Aconteceram também levantes de comunidades buscando resistir aos despejos feitos em plena pandemia. Trabalhadores em serviços essenciais se mobilizaram por condições de trabalho e EPIs e pela vida, contra a morte em massa dos trabalhadores. Nos Correios, trabalhadores realizaram uma poderosa greve de 35 dias contra a retirada de direitos e contra a privatização da empresa. [Houve] Luta dos operários metalúrgicos e químicos. A vitoriosa greve dos metalúrgicos da Renault e dos funcionários do Metrô. Os petroleiros e metalúrgicos da Embraer, que lutaram por salários e contra o processo de privatização. A educação que derrotou o Bolsonaro na manutenção do Fundeb, adiou o Enem e vêm lutan-



do incessantemente contra o retorno às aulas presenciais. Agora temos a mobilização do funcionalismo público federal que se prepara para enfrentar a reforma administrativa (PEC 32) de Bolsonaro, demonstrando que a situação está polarizada e que a classe está disposta a lutar e resistir aos ataques.

E a unidade com as outras centrais?

A CSP-Conlutas é parte da frente e das mobilizações da campanha “Fora, Bolsonaro!”, que organizou várias jornadas e dias de luta em 2020, constituindo passos fundamentais da unidade dessa luta que, apesar de importante, esteve muito aquém do que poderia ter sido. Infelizmente a cúpula dirigente de grandes organizações, como PT, CUT, CTB, Força Sindical e outros setores do movimento, na prática não mobilizaram quase nada nesses dias.

A resolução política aprovada na reunião da CSP-Conlutas reafirma nossos esforços de presença e permanência nas ações e nos espaços de unidade de ação, que continuarão sendo acompanhados da denúncia permanente da cúpula das direções burocráticas, conciliadoras e traidoras, preservando e garantindo, assim, a autonomia para seguir fortalecendo nossa central como alternativa de direção para o movimento, para o fortalecimento da luta em nosso país e para o combate permanente às políticas que levam à desmobilização das

massas e negociações que entregam direitos históricos.

Existe a possibilidade da construção de uma greve geral no Brasil?

A crise que estamos passando levará ao aumento da miséria, da fome, do desemprego e do rebaixamento das condições de vida. O caminho para superar a barbárie que se desenha é a radicalização da luta de classes, apostando firmemente na luta direta dos trabalhadores em resistência aos brutais ataques da burguesia e seus governos.

Essa luta deve ser pautada por um programa emergencial da classe trabalhadora, apoiado num plano de ação construído por baixo para derrubar os de cima. Para nós, os desafios da luta de classes que vivenciamos em 2020 seguem mais que atuais para 2021. E, diante do caos social e sanitário que se apresenta, se faz

necessário apresentar um plano de lutas que aponte a perspectiva da construção de uma greve geral. Para isso, estamos fazendo um chamado e nos movimentando pela unidade de ação com outras organizações nacionais e internacionais, pela construção de um dia nacional ou internacional de luta em defesa da ampla e urgente garantia de acesso à vacinação em massa e quebra de todas as patentes na produção de vacina como resposta imediata à pandemia.

A CSP-Conlutas esteve colada nas lutas em 2020. Nossa tarefa é continuar junto à classe trabalhadora na defesa de seus direitos e reivindicações, contra os patrões e seus governos. Em 2020, ocupamos papel de destaque, com um balanço muito positivo, na tarefa de impulsionar a luta dos trabalhadores em defesa dos direitos e da vida. Vamos seguir nesse caminho.



RAIO-X

Entidades

| | |
|---|-----------|
| Sindicatos: | 41 |
| Federações: | 3 |
| Minorias sindicais: | 12 |
| Oposições sindicais: | 25 |
| Movimentos populares: | 10 |
| Movimentos de luta contra as opressões: | 3 |
| Entidade estudantil: | 1 |

| | |
|---------------------------|------------|
| DELEGADOS | 177 |
| OBSERVADORES | 235 |

MUNDO

Um ano de muitas revoltas e protestos contra governos capitalistas

Apesar da pandemia, muitos países registraram protestos e revoltas que derrotaram governos responsáveis pela crise sanitária, econômica e social ou que reforçaram lutas que se iniciaram em 2019. Confira abaixo algumas dessas lutas e protestos realizados em 2020 no continente Americano.

CHILE

Mudanças só virão das lutas



DA REDAÇÃO

No Chile, um processo revolucionário aberto em outubro de 2019 manteve o vigor apesar da pandemia. Muitas mobilizações foram realizadas, embora tenham reunido um número menor de manifestantes, principalmente os jovens. Nem mesmo a odiosa repressão do governo conseguiu deter as mobilizações. E repressão às mobilizações foi brutal. Já são mais de 40 mortos. Muitos comprovadamente pelas mãos de militares e carabineros. Além disso, há milhares de denúncias de torturas, estupros e agressões.

O plebiscito realizado no dia 25 de outubro, que aprovou a realização de uma assembleia constituinte com mais de 78% de votos favoráveis, indica uma enorme



demonstração do descontentamento popular com o atual modelo econômico e com o regime político. A atual Constituição foi elaborada em 1980, sete anos após o golpe militar. Ela consolidou

todos os retrocessos da política econômica neoliberal que foram implementados pela ditadura de Augusto Pinochet e manteve muitas medidas autoritárias. Não há direito a serviços públicos. No país,

saúde, educação e aposentadorias são negócios privados.

O resultado do plebiscito foi uma demonstração de repúdio à Constituição e um anseio por mudanças. Contudo, a futura assembleia constituinte tem seus limites e não resolverá os problemas do país. Por exemplo, as regras para eleição de deputados constituintes favorecem completamente os partidos políticos atuais, dificultando a participação de um candidato independente. Além disso, todas as mudanças terão de ser aprovadas por mais de 66% dos deputados constituintes. Se os empresários conseguirem uma representação de 34% com seus partidos, poderão barrar qualquer mudança.

As verdadeiras mudanças não virão de uma negociação com os partidos da burguesia. As verdadeiras mudan-

ças virão da organização e da luta de trabalhadores e trabalhadoras e da juventude. A riqueza produzida no Chile deve estar a serviço dos trabalhadores para solucionar os problemas de saúde, educação, aposentadoria e moradia que afetam a enorme maioria da população.

Uma medida importante é nacionalizar as principais riquezas do país sob controle dos trabalhadores, como cobre, geração de energia, grandes propriedades rurais e pesca industrial. O povo chileno deve ter acesso à saúde e à educação públicas e totalmente gratuitas, além de um sistema público atual de aposentadoria, que hoje é totalmente privado. Explicar para a população trabalhadora que o caminho para as mudanças virá das lutas será o principal desafio no próximo ano da revolução chilena.

BOLÍVIA

A derrota do golpe

Na Bolívia, as eleições realizadas em 18 de outubro foram uma derrota retumbante para a direita, que em novembro de 2019 conspirou para um golpe com o apoio da polícia e do exército. O golpe teve como objetivo conter a reação popular contra as medidas de ajuste que já vinham sendo aplicadas pelo governo do MAS de Evo Morales. Na ocasião, a burguesia optou por impor um novo regime de mão pesada que pudesse enfrentar com mais eficácia a redução das con-

quistas dos trabalhadores do campo e da cidade.

O golpe de 2019 impôs um governo de onze meses que se caracterizou pela flagrante corrupção, perseguição a ativistas e lideranças sociais e impôs uma política de genocídio contra a população durante a pandemia de COVID-19, com a completa falta de proteção dos setores mais pobres. Por isso, as eleições na Bolívia expressaram a vontade das maiorias empobrecidas do país, que desejavam derrotar o golpe e o regime

repressivo que se impôs.

No entanto, é um equívoco apoiar e alimentar expectativas no novo governo do MAS, que vai querer usar a vitória eleitoral para apoiar seus planos de ajuste. Em 2021, trabalhadoras e trabalhadores, movimento indígena camponês, juventude e setores empobrecidos terão o desafio de aprofundar a vitória contra o golpe, preparando-se para enfrentar o novo governo do MAS e os próximos planos de ajuste que esse governo planeja aplicar.



PERU

Uma rebelião sacode o país

Três governos se seguiram numa semana convulsiva de mobilizações em todo o Peru nas jornadas de 9 a 16 de novembro. As mobilizações começaram quando o Congresso afastou o presidente Martin Vizcarra por “incapacidade moral” com base em inúmeros indícios que o implicam em atos de corrupção.

De forma inesperada, mobilizações lideradas pela juventude tomaram o país contra o congresso e contra o novo governo. Foi uma rebelião popular, a maior desde aquela que derrubou a di-

tadura de Fujimori 20 anos atrás. As jornadas não foram para defender Vizcarra, mas sim contra um Congresso corrupto e desmoralizado que não desperta nenhuma confiança. Assim, a decisão de afastar Vizcarra foi recebida como um golpe do Congresso corrupto e fez o país explodir em indignação.

Vizcarra presidiu um regime que enfatizou seu poder pessoal sobre o Congresso em nome da luta contra a corrupção. Durante a pandemia, Vizcarra aplicou um plano focado em salvar empresas e desencadeou um desastre na



economia e na saúde. O Peru é um dos países mais castigados pela pandemia.

Manuel Merino, o substituto escolhido pelo Congresso, reprimiu os protes-

tos com violência, deixando dois manifestantes mortos e pelo menos 68 feridos. Isso fez aumentar ainda mais o ódio da população. Merino foi obrigado a renunciar, e

em seu lugar foi nomeado Francisco Sagasti.

Três governos se seguiram em uma semana convulsiva e houve até um vácuo de poder antes que Sagasti pudesse ser nomeado. Embora tudo pareça ter voltado ao normal por enquanto, a verdade é que nada será como antes depois dos acontecimentos de 9 a 16 de novembro. As jornadas abriram uma nova situação no Peru.

Os grandes problemas que motivaram a rebelião popular não estão resolvidos. É por isso que não há razão para sair da rua, e tanto as manifestações juvenis quanto as operárias continuam ocorrendo num cenário mais favorável, em busca de uma solução mais profunda para os graves problemas que o país enfrenta.

EUA

Depois da derrota de Trump, nenhuma confiança em Biden

A derrota de Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos foi um dos principais acontecimentos do ano. Modelo para Bolsonaro, Trump mergulhou o país numa crise de saúde com a pandemia. Apesar de ser o país mais rico do mundo, os EUA são líder mundial de infecções e mortes. Isso foi agravado pela política criminosa de Trump, que expôs a fragilidade do sistema público de saúde. Os trabalhadores e os setores oprimidos foram os mais afetados pela pandemia. Hoje o país registra 3 mil mortes diárias, enquanto a crise econômica e social deixou dezenas de milhões de desempregados e provocou um aumento brutal da pobreza, da miséria e da fome.

Soma-se a isso o a violência do Estado e seu caráter repressivo, principalmente a violência policial racista contra a população negra, que faz vítimas permanentes. É um reflexo extremo do ra-

cismo institucionalizado na sociedade e no Estado, que levou a grandes protestos e revoltas, como foi o caso do assassinato de Jorge Floyd.

O democrata Biden venceu as eleições. Porém ele é um representante da política tradicional que procura restaurar a normalidade, ou seja, a ordem do país e da democracia neoliberal, uma democracia com a qual um número crescente de estadunidenses está desiludido e que continua decepcionando grande parte da população.

O Partido Democrata já deu provas de que vai evitar qualquer desafio aos poderosos. No governo Obama, os bancos e Wall Street foram salvos com dinheiro público, enquanto os trabalhadores tiveram corte de salário, insegurança no emprego e serviços públicos subfinanciados. Foi a frustração com os Democratas que levou à eleição de Trump em 2016.

Biden foi senador por mais de quatro décadas e foi o vice

de Obama nos oito anos de seu governo. Durante esse tempo, deixou explícito que é um representante do capitalismo imperialista dos EUA, como evidenciado por seu apoio ao encarceramento em massa promovido pelas leis de Bill Clinton; ao desmantelamento do estado de bem-estar; às guerras no Iraque e no Afega-

nistão; aos acordos de livre comércio; ao resgate financeiro de Wall Street; e às deportações em massa de imigrantes. Sua vice, Kamala Harris, foi procuradora-geral da Califórnia e tem responsabilidade direta pelo aumento das prisões para negros e latinos.

A tarefa mais importante da esquerda dos EUA é a

construção de um partido da classe trabalhadora independente, com uma nítida política e um programa de classe. Todas as tentativas de reformar o Partido Democrata e transformá-lo em partido da classe trabalhadora continuarão fracassando, pois esse é um partido essencialmente burguês e imperialista.



CAPITALISMO

A catástrofe do sistema capitalista e a alternativa do socialismo



JULIO ANSELMO,
DE SÃO PAULO (SP)

Já são mais de 1,6 milhões de mortos por COVID-19 no mundo, além de bilhões de atingidos pela crise econômica. A pandemia, ao mesmo tempo que supostamente igualou todas as pessoas e países, mostrou que somos bem diferentes, pois até mesmo diante de uma ameaça biológica comum a todos, cada país e cada indivíduo é afetado de acordo com a sua posição na sociedade capitalista.

Ninguém sabe ao certo como será o mundo após a pandemia, mas podemos constatar que todos os países falharam na defesa da humanidade contra o vírus. Para provar isso, basta falar da guerra pela vacina, na qual os países imperialistas cumprem o papel nefasto de garantir pra si esse recurso fazendo os executivos das farmacêuticas lucrarem US\$ 1 bilhão nos Estados Unidos à custa de centenas de milhares de vidas e de bilhões em dinheiro público. Isso sem contar a explosão dos preços ou a falta de insumos básicos e equipamentos (álcool em gel, máscaras, respiradores etc.), demonstrando a irracionalidade do mercado e sua incapacidade de suprir as necessidades humanas. Há ainda o colapso de sistemas de saúde nos quais reina o interesse privado, como nos EUA, onde as pessoas têm receio de ir ao médico, pois não têm como pagar.

Enquanto a fome, o desemprego e a pobreza aumentaram, os ricos ficaram mais ricos. Só o governo dos EUA liberou US\$ 1,5 trilhão para subsidiar empresas estadunidenses. Enquanto isso, estima-se que 150 milhões de pessoas podem ser jogadas na extrema pobreza. A riqueza dos bilionários, por sua vez, cresceu 27,5% entre abril e julho deste ano, indo para US\$ 10,2 trilhões de acordo com o banco suíço UBS. Em 2020, 1% das famílias mais



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3AGKOSV](https://bit.ly/3agkosv)

ricas passou a ter 43% da riqueza global.

Não há incapacidade ou impossibilidade dos humanos de lutar contra o vírus. Não é uma fatalidade e não era inevitável o número de mortos. Tampouco teríamos de escolher entre morrer de vírus ou de fome, como alardearam os governos, pressionando pela reabertura da economia. Fazer quarentena total, parar a economia, não tem de significar que uma parcela da população fique desempregada, sem renda e passando fome. Não há (ou não deveria haver) contradição entre parar a economia e salvar a vida das pessoas.

O capitalismo fracassou, e seus próprios defensores reconhecem. A coisa é tão severa que há várias propostas de reforma do capitalismo. Até o Fórum Econômico Mundial diz que “agora é a hora de um grande reset no capitalismo”.

Alguns culpam a financeirização. Outros defendem uma

maior intervenção estatal ou, então, uma espécie de New Deal verde, ou renda mínima universal, até novo contrato social. São propostas que já foram implementadas e que nunca interromperam a marcha para a barbárie capitalista. Nas soluções miraculosas, entram também os reformistas de esquerda, como PT e PSOL, que compartilham a ideia falsa da possibilidade de um capitalismo mais humano.

O grande reset que os ricos estão propondo pode até salvar o capitalismo, mas significará a condenação de mais milhões e milhões de pessoas a uma vida miserável de exploração e opressão, pois não se trata de inventar medidas mais ou menos espertas para resolver problemas. Na verdade, é antes de tudo perceber que na base dos problemas se encontra aquilo que faz o capitalismo ser capitalismo: a humanidade vive escravizada pelo mercado, pelo capital, pela propriedade pri-

vada dos meios de produção.

Precisamos da ruptura do capitalismo, que eles tanto temem. Senão, como garantir o distanciamento social e a quarentena para todos sem que isso signifique desemprego e falta de renda para a população? Alguns governos capitalistas até conseguiram fazer isso, mas por um breve tempo e muito menos que o necessário, à custa de um endividamento estatal que tende a explodir. A crise econômica e social segue agravando-se, mesmo com uma recuperação parcial. Não há saída por dentro do sistema, tampouco sem enfrentar os interesses dos capitalistas.

Se não podemos repartir de forma racional a quantidade de trabalho social necessário entre aqueles que podem trabalhar, como garantir emprego a todos? Como vamos reduzir a desigualdade social se a riqueza é concentrada na mão de poucos enquanto é produzi-

da de forma social pela maioria? Como garantir que a produção atenda às necessidades humanas e não ao lucro, se as empresas necessitam buscar sempre o lucro?

Falamos da necessidade do socialismo a partir dessas constatações, não de modelos pré-concebidos em nossas cabeças. Não se trata de aplicar um modelo abstrato e utópico, mas de arrancar da própria realidade e das inúmeras contradições que existem. Se não forem resolvidas de modo positivo por uma ruptura política na qual os trabalhadores tomem o poder político e imponham outra organização social, outra relação de produção, para abolir a base na qual esse sistema reproduz as desigualdades e as mazelas; a própria lógica do funcionamento do sistema nos levará a bancarrota independentemente da boa vontade ou dos planos de quem quer que seja.

CAPITALISMO E NATUREZA

A boiada de Bolsonaro e Salles contra o meio ambiente

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Recentemente, foi divulgada a taxa oficial de desmatamento. Entre agosto de 2019 e julho de 2020, 11.088 quilômetros quadrados de Floresta Amazônica foram perdidos, o equivalente a 1,58 milhão de campos de futebol. Já o Pantanal queimou como nunca antes em sua história e teve mais de 15% de sua área destruída. Os responsáveis por essa tragédia são Bolsonaro e seu ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, um criminoso que defendeu, em reunião ministerial, que era preciso “passar a boiada” na legislação ambiental e prati-

camente liquidou a fiscalização ambiental.

A Amazônia e o Pantanal continuam queimando porque grandes latifundiários e grileiros viram uma grande oportunidade de se apropriar de grandes porções de terras públicas que compõem a maior parte desses dois biomas. “Vamos passar a boiada”, esfregam as mãos. Porém antes vem o desmatamento e o fogo, os primeiros atos do roubo dessas terras por essa corja que tem sua própria bancada – a bancada ruralista – no Congresso Nacional.

“E se tiver algum índio ou camponês na área, a gente passa fogo neles também”,

pensam. Em seguida, vem o pasto, a cerca, o boi e a espera por alguma medida que regularize a grilagem por parte do governo. Que, aliás, já se comprometeu com isso.

UMA ESPANHA

Dados do “Atlas Amazônia Sob Pressão”, elaborado pela Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada (Raisg) documentam o avanço das atividades extrativistas, projetos de infraestrutura e queimadas em toda a Amazônia sul-americana.

O relatório mostra que, entre 2000 e 2018, houve uma perda acumulada de 513.016 quilômetros quadrados de floresta nativa, um



território equivalente à Espanha ou 8% de toda a floresta que existia em 2000. O Brasil, que tem 61,8% de todo território amazônico,

responde por 82,8% do total (425.051 quilômetros quadrados), o equivalente à soma dos territórios da Alemanha e de Portugal.

LIMITE

Em 2020, ficamos de frente para catástrofe ambiental



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/2KZ9P2I](https://bit.ly/2KZ9P2I)

A atual pandemia do novo coronavírus é resultado direto da apropriação mercantil e destrutiva da natureza pelo capitalismo. Mais especificamente, pela criação de um mercado de carnes selvagens sustentado por fartos subsídios do governo capitalista chinês. O fato de ter surgido na China tem servido como munição a uma porção de lunáticos que propagam fake news, teorias da conspiração e racismo contra os chineses. Uma pandemia, porém, pode ser desencadeada em qualquer parte do mundo, inclusive no

Brasil considerando a evolução das taxas de desmatamento da Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, que abriga uma quantidade incalculável de vírus mortais.

O avanço irresponsável sobre os recursos naturais têm sido o agente das epidemias recentes que tivemos. Todas elas são zoonoses, ou seja, têm origem animal. Isso aconteceu com ebola (1969), Nipah (1999), Sars (2002), H1N1 (2009), Mers (2012) e agora a COVID-19 (2019).

O vírus é produto da natureza, tem sua história natural

e obedece a processos evolutivos. A destruição dos habitats de muitas espécies de animais, no entanto, oferece uma oportunidade fantástica para que vírus antes aprisionados na vida selvagem sofram mutações e sejam transmitidos aos seres humanos.

NATUREZA E SOCIEDADE

A natureza e as sociedades humanas estão em relações constantes. Desde que o ser humano surgiu na face da Terra, a natureza foi modificada de forma contínua pelo trabalho humano no decurso da nossa história. Isso não significa que os seres humanos têm, em essência, uma relação destrutiva com o meio ambiente. Basta ver a relação que os povos indígenas possuem com as florestas que, em parte, devem a sua atual biodiversidade à contínua ação de transformação que essas populações realizaram há milênios.

Sua relação com a floresta não é mediada pela propriedade privada, pela mercadoria, pelo dinheiro ou pelo lucro. Por isso, as terras indígenas na Amazô-

nia são as áreas de maior preservação, como provam imagens de satélites.

CAPITALISMO E MEIO AMBIENTE

O capitalismo, entretanto, transformou de forma radical a relação entre sociedade e natureza. Provocou um desequilíbrio brutal que provoca pandemia, aquecimento global e eventos climáticos extremos (secas, inundações, ciclones-bomba etc.), destruição da biodiversidade, poluição das águas e do solo.

No capitalismo, o que importa é o lucro. A natureza se transforma em mercadoria, sendo exaurida numa velocidade estonteante, necessária para a reprodução do capitalismo. Uma velocidade que é muito maior do que o tempo de recomposição da própria natureza. Todo o progresso técnico da indústria se fundamenta na ideia de se apropriar mais e mais dos recursos em menos tempo e de forma mais barata, deixando para trás um rastro de destruição.

É por isso que montanhas em Minas Gerais se transfor-

mam em horrendas crateras e barragens se rompem matando trabalhadores, destruindo comunidades e rios. É por esse motivo que a Amazônia e o Pantanal queimaram em 2020 e as terras indígenas estão sendo ameaçadas por madeireiros e pela mineração. Também é por essa razão que o capitalismo queima reservas de combustíveis fósseis milenares quase de forma simultânea, em apouco mais de um século (uma fração de segundo, diante do tempo geológico), acarretando no aquecimento global.

Estamos próximos de um ponto em que a degradação da Amazônia poderá ser irreversível e alterar o bioma para sempre. Isso vai transformar a floresta numa savana degradada e na perda de regime de chuvas, provocando intensas secas nas regiões Sul e Sudeste. Também vai abrir novas caixas de pandora, liberar novos vírus e acelerar o aquecimento global. O capitalismo condena a humanidade à destruição. Morte ao capitalismo!